

Em busca de um “nós”: Alemanha, União Europeia e os refugiados¹

Paula Aparecida Viol Liguori
Luiz Henrique Bergamaschi

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a turbulência política na Alemanha ocasionada pela chegada de refugiados sírios e iraquianos vindos das áreas de conflitos bélicos. Para o desenvolvimento da argumentação analisamos alguns possíveis motivos que levaram a Alemanha a acolher estes refugiados. Em contrapartida, avalia-se a reação negativa da sociedade civil frente à chegada dos imigrantes. Assim, neste cenário conturbado, também marcado pela ampliação da hegemonia econômica germânica na UE, busca-se compreender como o Estado alemão, liderado pela Chanceler Angela Merkel, tem lidado com a chegada dos refugiados, a eclosão de ondas xenofóbicas e o fortalecimento do partido eurocético de direita AFD (Alternative für Deutschland – Alternativa para Alemanha), que tem crescido cada vez mais em sua representatividade, enquanto a democrata-cristã e seu partido político perdem popularidade.

Palavras-Chave: Alemanha; Sociedade civil; Refugiados; União Europeia; Identidade.

Apresentação

Neste trabalho buscamos observar e analisar a atual conjuntura econômica, política e social da Alemanha com o objetivo de discutir a turbulência política ocasionada pela chegada de refugiados sírios e iraquianos vindos das áreas de conflitos bélicos. Para o desenvolvimento da argumentação analisamos alguns possíveis motivos que levaram a Alemanha a acolher estes refugiados. Em contrapartida, avalia-se a reação negativa da sociedade civil frente à chegada dos imigrantes. Assim, neste cenário conturbado, também marcado pela ampliação da hegemonia econômica germânica na UE, busca-se compreender como o Estado alemão, liderado pela Chanceler Angela Merkel, tem lidado com a chegada dos refugiados, a eclosão de ondas xenofóbicas e o fortalecimento do partido eurocético de direita AFD (Alternative für Deutschland – Alternativa para Alemanha), que tem crescido cada vez mais em sua representatividade, enquanto a democrata-cristã e seu partido político perdem popularidade. Deste modo, pensamos que a justificativa desse trabalho se aloca

¹ Este trabalho é originado da pesquisa “A modernidade e sua epistemologia: uma revisão dialógica sobre os temas religião, política e representação política” desenvolvida junto à UEMG – Unidade Barbacena e financiada pela FAPEMIG e pela UEMG.

dentro das possibilidades explicativas que tal problema provoca ao cenário político mundial, em específico a partir do campo de considerações próprio à Ciência Social.

De maneira geral, o artigo contempla acontecimentos que pertencem a um recorte temporal entre 2010 e 2016. O período compreende os primeiros eventos que originaram a Primavera Árabe, no ano de 2011, após um comerciante tunisiano atear fogo em seu corpo devido às represálias do ditador Bem Ali, até o momento hodierno. Movimentamo-nos metodologicamente por meio de revisão bibliográfica, leitura e análise de diversas matérias disponíveis em veículos midiáticos diversos. O esforço da presente proposta se dá, portanto, em torno de atores bem delineados, embora não julgemos com isso a inexistência de outros. Assim sendo, os conflitos no Oriente Médio, a União Europeia, os imigrantes sírios e iraquianos, o governo, a política e a economia da Alemanha, a sociedade civil germânica e as questões ligadas à religião e ao terrorismo aparecem como pontos importantes de nossa análise. Por fim, nossas conclusões são expressas.

O Nobel de Paz em 2012

O comitê norueguês *Nobelkomite*, responsável pela escolha do vencedor para o Prêmio Nobel, depois de deliberar os quesitos necessários ao Nobel de Paz, em 2012, decidiu entregá-lo à União Europeia (UE). Como consta na nota oficial da premiação, “The union and its forerunners have for over six decades contributed to the advancement of peace and reconciliation, democracy and human rights in Europe” (NOBELPRICE, 2017). Seguindo as indicações do *Nobelkomite*, os valores europeus destacados são a democracia, os direitos humanos e a paz. Valores, estes, que compõem o lema da UE: “In varietate concordia” – em português, “Unidos na diversidade”. Assim, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a cooperação solidária entre os países cunhou o selo de reconciliação europeia, superando a tradição bélica do continente, servindo de estandarte para outras bandeiras democráticas. Disso, a União Europeia é uma interconexão de valores políticos e sociais, tais quais, no decorrer do processo histórico, costura as relações diplomáticas entre seus membros.

Um exemplo da aplicabilidade dos valores europeus pode ser enxergado a partir da introdução, na União Europeia, de países como Grécia, Espanha e Portugal, em 1980. De acordo com o *Nobelkomite*, isso foi possível, pois, tais países tiveram como condição a aceitação da democracia como seu regime de governo. Hoje, estes mesmos países sinalizam um sintoma sério do colapso europeu. Não apenas quando colocamos em evidência a bancarrota econômica da Grécia, mas também diante da imigração como peça chave para a CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

desestabilização do bloco. Isto pelo fato de que, nos termos da Convenção de Dublin, os pedidos de asilo no continente devem ser efetuados na primeira fronteira em que chegam os refugiados e imigrantes, o que atinge diretamente os três países mencionados. As principais rotas de imigração são a do Mediterrâneo Central, aos quais os países do Norte da África vão para a Itália; a do Leste do Mediterrâneo, mais efetuada pelos refugiados do Oriente Médio que deságuam nas Ilhas gregas; a do Oeste dos Balcãs que também sai da Grécia. E por último, a do Oeste do Mediterrâneo, que vão buscar refúgio na Península Ibérica.

Neste sentido, o que ocorre na região é uma sobrecarga de pedidos de asilo que pioram as condições infraestruturais dos países costeiros. Assolados pela recessão econômica e pelo desemprego, a fragilidade destes torna a tensão redobrada no continente europeu. Tanto que, “embora recebam indenizações da União Europeia, os países do Sul se consideram explorados. Isto explica por que a xenofobia, a agressividade e até atos de violência aberta contra refugiados acontecem com frequência cada vez maior [...]” (BECK, 2015, p. 43). Contudo, para além do sentimento de exploração descrito por Beck, nem sempre o financiamento é repassado aos países que recebem os imigrantes. Nas palavras de Laurence Peter, em reportagem à BBC, “no ano passado [2014], a Itália pôs fim à sua missão de procura e resgate, chamada Mare Nostrum (do latim nosso mar) após alguns países do bloco – incluindo o Reino Unido – afirmarem não ter como mantê-la financeiramente” (PETER, 2015, s/p).

De todo este quadro a conclusão resultante é que a união Europeia passa por uma crise político/cultural, em que, os países do Sul se veem à revelia da própria sorte. Aliás, à revelia dos países do Norte, tal qual a Alemanha se viu na oportunidade de decidir sobre o Parlamento Grego (BECK, 2015). O que é argumento chave para a desintegração do Bloco, alavancando, ao mesmo tempo, a ressurreição dos nacionalismos.

Este é um ponto notável para a compreensão desta crise política no contexto europeu. O projeto de uma Europa unificada, assim, corre o risco de se perder nos meandros dos egoísmos nacionais (BECK, 2015), em que a soberania dos países é maior que a do Parlamento Europeu. Percebe-se isso pelo fato de que a proposta de cotas para distribuição de refugiados foi negada por seus países-membros. A este ponto, Bauman (2017: 94) esclarece que “O acordo de remanejar grande parte dos esforços para fortificar as ‘fronteiras europeias’ foi quase unânime, mas nesse ponto a unanimidade entre os Estados-Membros da União Europeia deixou de existir.”.

Diante desta conjuntura, podemos então inferir que o Nobel de 2012 não se trata meramente de uma premiação à UE. Trata-se de um pedido de socorro efetuado pelo *Nobelkomite* para que o alicerce democrático e a reconciliação entre os países não se vissem abalados pela crise econômica grega, que atingiu seu ápice naquele ano de 2012. E, também, nas entrelinhas, devido à chegada de imigrantes, sírios principalmente, fugindo do conflito bélico no oriente iniciado um ano antes, após o acontecimento da Primavera Árabe. O recado deixado pelo comitê norueguês é que a União Europeia, frente a esta conjuntura conturbada, mantivesse seus princípios “of peace and reconciliation, democracy and *human rights* in Europe” (NOBELPRICE, 2017, grifo nosso).

In varietate concordia

“*Wir schaffen das!*” (“Podemos fazer isso!”). A frase pronunciada por Angela Merkel caracteriza um momento histórico para a política alemã. As solicitações de asilo no país têm sido a órbita das deliberações estatais e motivo de pânico na sociedade civil. Diante deste fato, é necessário compreender os motivos que levaram a Alemanha a esta delicada condição. Pois, não são mais apenas as outras nações da UE que traçam críticas ao governo alemão. Mas, a própria sociedade civil germânica começa a questionar a legitimidade de tal conjuntura.

Em um cenário marcado por muros e cercas de arame farpado, a Europa se vê defronte a uma séria turbulência, em que o projeto de uma federação de Estados europeus, coordenada pelo Parlamento Europeu, começa a se esfacelar. Desde a sua origem a confederação europeia se estabilizou enquanto um bloco único, com o intuito de se posicionar ante a disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética, que caracterizou a Guerra Fria. Os Estados europeus, frente à corrida pela hegemonia internacional, efetuada entre as duas potências, vislumbram como única saída, a união de todos os Estados em um único bloco. O que possibilitaria uma reunião de forças para a reestruturação do Velho Mundo, tanto em sua economia, quanto em seu status internacional. Essa união política possibilitou, assim, em meados dos anos 50, a constituição da comunidade econômica europeia com a promulgação do Tratado de Roma. Num primeiro momento a Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA), em 1953, foi constituída. Posteriormente, foi originada a Comunidade Europeia da Energia Atômica (CEE), em 1958, por fim, a União Européia (UE) foi fundada em 1993 (LEVI, 1998).

A União Europeia, desde sua consolidação, enfrenta vários desafios. Um deles é orientar em um horizonte comum os vários interesses das nações que a integra. Como montar CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

uma “pátria” Europa, se as nações pertencentes ao bloco não cedem à legitimidade normativa para a construção de apenas uma sociedade civil europeia? Em que pesem estas particularidades, a Europa é, nos termos de Beck (2015: 32), “uma segunda pele para nós”. Esta articulação entre as nações aliadas possibilita o trânsito entre os países, uma experiência de integração econômica e cultural.

De acordo com Levi (1998), a UE sintoniza dois elementos dialéticos que colocam em um polo os Governos e, no outro, o centro federalista. Este processo atinge seu ponto *optimum* na conjuntura econômica, fazendo com que o bloco alcance importância financeira mundial, tanto quanto à dos EUA. Já as relações políticas deste, mesmo com a consolidação do Parlamento Europeu e do Tribunal Europeu com vistas a consolidar uma grande democracia europeia, ainda não se concretizou por completo. Isto pode ser mensurado pela “crise imigratória”, na qual alguns países membros discordam veementemente sobre a formulação de uma cota de imigrantes para cada nação. Este fato acabou por corroborar o Brexit inglês, servindo também de móbil para o Premiê húngaro construir um muro nos limiares da Sérvia, com 175 km de extensão.

Se observarmos com acuidade, é a cerca de Victor Orbán quem elevou o sentimento de segurança da população. Se antes o húngaro acumulava 68% da aprovação popular, este número salta para 87% em três meses (BAUMAN, 2017). Enquanto que o partido de Angela Merkel, Christlich-Demokratische Union Deutschlands (CDU) – União Democrata-Cristã –, é ultrapassado pelo partido de direita Alternative für Deutschland (AFD) – Alternativa para Alemanha – nas eleições de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental. Servindo de alento para a ultraconservadora francesa, Marine Le Pen, felicitar aos patriotas eurocéticos da legenda. Sobre esta onda nacionalista e xenófoba que daqui em diante iremos analisar.

Alemanha: o Norte dos Imigrantes

A “crise imigratória” deixou claro uma divisão geopolítica existente na Europa, a saber: os países do Norte e os países do Sul. Com a chegada de refugiados, a parte setentrional tem a Alemanha por destaque. Já a dimensão meridional, a Grécia. A primeira nação se destaca por sua economia e influência política no bloco europeu. Principalmente, tem sido o exemplo internacional no que tange à aceitação de refugiados. Barack Obama (DONCEL, 2016, s/p) chegou a pronunciar que “Merkel está do lado certo da história”. A segunda nação mencionada, desde 2010, tem vivido a maior crise financeira em sua história. O desemprego ultrapassou aos 25% no início de 2017. E, geograficamente, a Grécia se vê assolada pela CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

chegada de imigrantes e refugiados em suas ilhas. Em 2015, de 350 mil imigrantes registrados na UE, em média 235 mil aportaram seus botes de borracha na costa grega.

Este contraste geográfico abriga o propósito de demonstrar que a União Europeia já não é mais tão unida assim. Ou, de acordo com o sociólogo alemão Ulrich Beck, a Europa se tornou alemã. Fazendo um feedback a este respeito, Beck (2015:19) relembra em seus escritos que “Hoje o Parlamento alemão decidirá sobre o destino da Grécia, [...] é o que escuto no rádio no final de fevereiro de 2012”. A hipótese que podemos chegar, a partir da observação do sociólogo, é que este fenômeno não tem sua raiz *sui generis* na economia. A economia foi a via de demonstração de uma possível falência do projeto democrático da UE já com as bases vacilantes. Assim, estamos diante de uma crise política que a Europa vivencia a partir de seus ideais democráticos.

Em termos econômicos, este rápido contraponto das situações entre Alemanha e Grécia deixa claro que a UE se germanizou. A dívida grega com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e sua necessidade de empréstimos à UE, levou a Alemanha, justamente o país mais rico, à órbita da questão. A metodologia de austeridade que a Alemanha “sugeriu” aos considerados esbanjadores gregos, à primeira vista, recai como uma disciplina de Apolo sobre Dionísio. Entretanto, a tragédia econômica grega deixa claro que Merkel se inspira em outras táticas políticas. Neste caso, a alcunha “Merkiavel”, aplicada por Beck a chanceler, deixa claro que a *virtù* é sempre a melhor forma de se enfrentar as contingências da *fortuna*. A política de austeridade alemã, aplicada sobre a Grécia, como condição de financiamento da dívida, é hoje evidenciada pelo ciclo histórico como tática de *superavitar* a economia do país do Norte.

A política de “empurrar com a barriga”, adotada por Merkel, tem sido a imagem mais ressonante de seu governo. Com os imigrantes, a estratégia foi bem próxima. Hans Kundnani, em reportagem ao El País no ano de 2016, afirma que a chanceler, “Seguindo seu costume, esperou todo tempo que pôde – durante vários anos de agravamento do conflito sírio, a Alemanha fez muito pouca coisa enquanto os refugiados chegavam à Grécia e à Itália – e só reagiu, mais do que agiu, quando foi necessário”. A própria chanceler assume que “em 2004 e 2005 já havia muitos refugiados, e nós deixamos a Espanha e outros países de fronteiras externas lidarem com isso. Naquela época, nós também rejeitamos uma distribuição proporcional dos refugiados” (DW, 2016, s/p). Sendo a imigração fato consumado, a alternativa que restava ao governo era de agregar estes imigrantes à Alemanha.

A mera facticidade histórica, entretanto, não responde à pergunta: quais motivos levaram a Alemanha ao ranking de maior concessora de asilos em toda UE? Como tal expediente fez desta nação a contraposição ao comportamento húngaro diante da crise imigratória? Para responder a estas perguntas é necessário compreender que os fatores da posição política alemã pró-imigrantes têm suas raízes principais na conjuntura econômica interna do país.

A população alemã, aliás, a Europa como um todo, vem aumentando a projeção dos anos de seus anos de vida. De acordo com o *eurostat* de 2016, a expectativa de vida dos últimos 50 anos aumentou em 10 anos. A média de vida para um europeu nascido em 2014 é de 80,9 anos. Por um lado, tal média de vida é um sinal de que a UE tem produzido resultados em matéria de estabilidade de vida. Entretanto, o mesmo boletim informa que a taxa de fertilidade tem declinado no início do século XXI, sendo que as taxas maiores entre os países membros da UE estão situadas nas regiões francesas e britânicas. O mesmo boletim informa que a Alemanha tem uma taxa de fertilidade baixa, inferior a 1,35 filhos por mulher.

Desse modo, no caso alemão, se o país possui uma projeção de envelhecimento maior que a da população jovem, a remodelação da conjuntura econômica vem a reboque. Ou seja, num futuro próximo haverá um número maior de aposentados com cada vez menos contribuintes, o que poderá contribuir para o déficit do orçamento estatal. Como consta na fala do consultor econômico da BBC, Robert Preston, em reportagem exibida pela emissora em 9 de setembro de 2015, "Com uma população em queda, as empresas não podem preencher todos os postos de trabalho e trabalhadores qualificados são cada vez mais raros. Essa tendência será agravada nos próximos anos. Trata-se de uma realidade que ameaça a prosperidade do país".

Muito além de se portar como defensora dos direitos humanos dos refugiados, a chanceler tem motivos economicamente racionais que a impulsionam a esta tomada de atitude. Como mostram os dados de 2015 abordados pela reportagem da BBC, o país que mais recebeu solicitações de asilo pelos imigrantes, principalmente egressos do Oriente Médio, e o que mais concedeu asilo em termos proporcionais à sua população e ao seu território é a Alemanha.

Se observarmos as informações divulgadas no início de 2017, o país obteve um superávit econômico de 19 bilhões de euros. Sem contar o crescimento de 1,7% na economia, em 2015, ano de chegada dos primeiros refugiados e imigrantes sírios. Conjuntura que, de acordo com a emissora alemã DW (Deutsche Welle), levou o país a seu maior crescimento em CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

quatro anos. O raciocínio é simples. Dos 9,3 bilhões de euros direcionados aos municípios alemães que recebiam refugiados, para prover os insumos necessários à sua acolhida, como alimentação e moradia, 90% eram destinados à própria economia local. Logo, o que acontece é um estímulo à economia com a chegada destas pessoas. Frisamos, desse modo, que o governo tem como solução o prisma econômico, enquanto que a sociedade civil, uma vez que a necessidade de imigrantes é algo bastante claro, compreende esta situação com outra perspectiva um pouco mais complexa.

Pela via do capitalismo econômico a estratégia de Merkel atingiu o seu apogeu. Sendo interessante observar que a liderança da Chanceler se mostra próxima ao provérbio popular “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Em outros termos, enquanto a Alemanha propõe pactos de ajustes fiscais baseados na política de austeridade para os países do Sul, sua opção interna na economia nacional se dá pela via contrária. Por que a austeridade e não o estímulo da economia quando é a Grécia que está em jogo? Sidiney Ferreira de Vares (2016, p. 460), partindo das ideias de Beck (2015), é retórico em expor que “a chanceler alemã se tornou uma espécie de ‘rainha não coroada da Europa’, jogando como o príncipe de Maquiavel, não para salvar os países devedores, mas para mantê-los divididos, pois disso resulta o protagonismo econômico e político alemão”.

Alemanha: da economia de sucesso a uma política reacionária

O marco de vitória para a social democracia se deu após a queda do Muro de Berlim, com o triunfo do capitalismo sobre o socialismo, levando a social democracia à ascensão no espectro político (SEGRILLO, 2004). A Alemanha foi palco deste enredo. Se até 1989 tal nação era dividida entre socialistas e capitalistas, nos anos 2010 vislumbramos outra divisão, entre sociedade civil e Estado. Ao citar tal evento, temos por objeto central a criação e consolidação do partido AfD (Alternativa para Alemanha).

O consenso efetivado por Angela Merkel, presidente da CDU (União democrata-cristã), com CSU (União Social-Cristã) e SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha), promoveu uma coalizão hegemônica no país, fato que a ascendeu como Chanceler no ano de 2005. A razoabilidade da máquina estatal detinha grande popularidade entre a sociedade civil, até que a política de resgate do Euro em 2008 provocou a ira das alas liberais, juntamente com o abandono da política nuclear e a não mais obrigatoriedade do serviço militar, de acordo com a emissora alemã DW. Aliado às críticas a estas ações, deu-se, tempos depois, o influxo massivo de imigrantes árabes no país. Comportamento, este, que desestabiliza a própria CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

coalizão governamental, tal qual, a CSU, capitaneada pelo líder bávaro Horst Seehofer, um atual opositor ao governo alemão que ajudou a catapultar.

Tendo em vista tal cenário, o partido AfD é fundado em 2013 pelo economista liberal Bernd Lucke. Com o acirramento da crise imigratória no país em 2015, e o pânico moral instaurado contra o Islã, os argumentos reacionários da líder do partido AfD, Frauke Petry, ganharam maior capilaridade. Logo, o objetivo inicial de criar uma alternativa econômica liberal, fora deixada de lado em prol das ideias relacionadas à segurança e ao combate ao islamismo, o que culminou na deserção de Lucke. É interessante notar que a fundação do AfD tem, *a priori*, a economia como seu mote, contudo esta se vê sufocada pelos argumentos xenófobos de direita. Haja vista, toda a parabenização efetuada pela legenda ao movimento Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente (PEGIDA).

Assim, a chegada de imigrantes muçulmanos no país tem desencadeado a ascensão astronômica do AfD. A legenda conta com dois deputados no parlamento europeu e 104 nos estados alemães. Tudo isso, por propalar um discurso islamofóbico, em que o fechamento de mesquitas e fronteiras deve se tornar razão de Estado. Desta forma, enxergamos o surgimento de um nacionalismo exacerbado, em que a parte conservadora da sociedade alemã peticiona o fechamento das fronteiras do país. Os dados do Eurobarômetro² de 2016 nos auxiliam a compreender qual é o sentimento de medo vivenciado pela Europa, e como isto se relaciona com os imigrantes.

² O Eurobarômetro é uma pesquisa de opinião, anual, encomendada pelo Parlamento Europeu à população da UE.

Tabela 1 – Principais preocupações a nível nacional: resultados nacionais

		Immigration	Terrorism	Economic situation	The state of Member States' public finances	Unemployment	EU's influence in the world	Crime	Climate change	Rising prices/ inflation/ cost of living	The environment	Pensions	Taxation	Energy supply
EU28		45	32	20	17	16	10	8	8	8	6	4	4	3
BE		43	33	22	16	13	10	11	10	11	8	7	5	4
BG		62	42	12	8	6	7	8	6	6	3	2	2	3
CZ		63	47	9	15	7	6	12	5	6	4	4	1	2
DK		59	21	23	13	15	15	8	16	4	6	1	0	2
DE		50	31	14	26	16	10	10	10	4	5	3	1	3
EE		70	41	15	13	5	9	8	3	4	2	2	1	2
IE		41	33	21	12	17	12	10	10	12	6	2	6	4
EL		41	27	33	29	22	13	8	1	8	2	3	4	3
ES		32	33	31	20	22	6	5	7	6	6	3	5	1
FR		36	35	21	15	20	11	11	9	10	10	5	2	3
HR		43	42	13	17	16	11	13	5	12	2	3	4	4
IT		49	23	23	12	27	3	10	6	8	6	5	9	4
CY		47	35	28	8	29	3	14	3	4	1	1	3	0
LV		57	45	17	13	10	8	6	4	8	2	3	4	2
LT		53	44	14	10	8	8	11	6	12	2	2	5	1
LU		42	39	16	16	20	13	10	11	7	7	3	2	4
HU		65	40	15	14	8	7	11	8	4	4	3	3	4
MT		65	45	10	9	7	5	8	7	5	6	2	1	3
NL		56	33	23	25	8	19	3	11	3	7	1	1	2
AT		39	22	20	22	16	12	10	11	13	10	5	4	6
PL		50	43	15	14	7	8	8	6	9	5	6	4	5
PT		23	23	24	38	22	9	6	2	8	1	3	4	2
RO		36	34	15	14	9	9	16	8	11	8	6	7	5
SI		58	36	16	11	11	9	10	4	3	4	2	3	2
SK		51	40	11	20	10	7	12	5	11	6	4	3	3
FI		38	22	23	31	15	15	8	17	6	7	4	3	3
SE		57	20	25	13	13	18	5	22	2	13	1	1	5
UK		42	26	24	11	13	14	4	7	11	5	2	2	2

1st MOST FREQUENTLY MENTIONED ITEM	2nd MOST FREQUENTLY MENTIONED ITEM	3rd MOST FREQUENTLY MENTIONED ITEM
------------------------------------	------------------------------------	------------------------------------

Fonte: EUROBARÔMETRO, 2016: 11.

Como podemos observar, não apenas na Alemanha, mas na maioria dos países da UE os dois temas mais mencionados como problemáticos são *imigração e terrorismo*. Necessário

salientar que tais fatores, por assim dizer, são originários de uma raiz comum: a presença física da religião islâmica e as interpretações realizadas sobre ela. Os solicitantes de asilo na Europa são de maioria muçulmana, egressos das regiões da Síria, do Iraque e do norte da África. Este alto contingente deve seu catalisador aos conflitos bélicos no Oriente Médio, fator maior de expulsão daquelas populações.

Os desdobramentos culturais e políticos que o Islã engendra na sociedade civil europeia

Os movimentos migratórios gerados pela guerra civil da Síria e pelas tensões que envolvem a realidade iraquiana, aliados à problemática política, social, econômica e cultural europeia, têm contribuído para que uma velha questão se sustente, orbitando de forma latejante nos pensamentos preocupados com as questões democráticas: a que preço ainda utilizamos o termo *progresso*? Para esse movimento teórico, é mister pensar nos fatores que geraram grande repulsão de pessoas no Oriente Médio. Acontecimentos como a Primavera Árabe e seu contraponto, a guerra civil da Síria e o fortalecimento e ampliação do Estado Islâmico (EI). Mas não somente isso. A reação repulsiva efetuada pela sociedade civil europeia, a partir da chegada dos imigrantes, tem obstado a reconstrução das vidas daqueles que adentram o espaço europeu, postergando-os a um lugar deslocado, por assim dizer. Da participação civil e política, e que constata nada além, do que um lugar de fronteira (AGIER, 2015). Todavia, para abordarmos as problematizações acerca da “fronteira social” é preciso antes buscar compreender os sentimentos, as nuances coletivas que ampliam sobre os imigrantes na Alemanha, tal rejeição.

É bastante conhecido que as áreas do Oriente Médio, predominantemente, estão sobre o signo religioso do islamismo. Por conta das frentes mais radicais, o terrorismo é um fenômeno comumente associado ao Islã, uma das religiões de maior importância do mundo. Não é preciso arrazoar sobre o fato de que ações extremistas não representam a fiel existência de uma religião, seja ela qual for. Entretanto, na dimensão da atual fase de globalização, qualquer evento não é apresentado como pontual e, assim, o efeito do terror se desdobra de forma intensa e generalizada, tal medo se torna um elemento presente nos laços sociais em certas sociedades afetadas mais diretamente por ações terroristas. A religião islâmica em específico, por diversas vezes, é tomada como um engodo, posto que o terrorismo, dentro de uma visão cultural míope, passa a ser compreendido na comunidade internacional como um elemento naturalizado ao Islã. Desconsiderando, por exemplo, que os atos de terrorismo aplicados pelos *jihadistas* são fruto de uma interpretação extremista do alcorão.

Por outro lado, no caso da União Europeia, o lema de união na diversidade aparece sob a roupagem da cultura. Isto significa que a concepção das sociedades europeias, em especial a alemã, sobre o islamismo o enquadra como uma religião que agrega uma veia cultural violenta e extremista. No polo oposto, as religiões no contexto da União Europeia assumem formas culturais que dialogam no contexto da diversidade e da globalização. Em outras palavras, o multiculturalismo é a expressão de um território de fronteiras abertas apenas para os europeus. Mas como as identidades podem ser reconhecidas neste contexto multicultural da União Europeia se não por meio de uma volta ao nacionalismo? Aquele mesmo nacionalismo rechaçado pela constituição de um bloco europeu. Neste sentido *stricto*, “[...] a cultura deixa de ser parte da solução e passa a ser parte do problema [...]” (EAGLETON, 2016: 116).

Assim, podemos dizer que a problemática efetuada pela cultura, ao dissolver fronteiras e menosprezar experiências, pode indicar que a crise vivenciada pela sociedade civil alemã é no campo da identidade. Nas palavras de Eagleton (2016: 114)

E que dizer da ideia de cultura? Se ela sempre foi o mais plausível candidato a herdar o cetro da religião, foi por envolver valores fundadores, verdades transcendentais, tradições consagradas, práticas rituais, simbolismo sensual, interiorização espiritual, crescimento moral, identidade comunitária e uma missão social. A religião é ao mesmo tempo visão e instituição, experiência sentida e projeto universal, e a cultura mais segura de si tentou reivindicar para si todas essas características.

Doravante, a partir deste apontamento de Eagleton, para a sociedade alemã o risco está em perder os laços de reconhecimento do grupo com a entrada dos refugiados sírios. O termo “mixofobia” utilizado por Bauman (2017), ilustra esta situação. A cultura do diferente é fator para desestabilização da ordem identitária, porque ao visualizar o território que no decorrer da história portou-se de um modo, e de repente, este território adequa-se a outro *ethos*, o medo de rupturas sociais se acentua.

Diante destas considerações, nas últimas décadas ações terroristas diversas têm aterrorizado a Europa e outras partes do mundo. Boa parte do Oriente Médio está sob forte tensão desde que os eventos da chamada Primavera Árabe se deram. A Guerra da Síria e o surgimento do EI promoveram um processo migratório de alta escala. Assim sendo, muitos imigrantes sírios e iraquianos, declaradamente muçulmanos, buscaram asilo em países europeus. A Alemanha foi um dos países que mais receberam, até a presente data, imigrantes vindos de regiões conflitantes da Síria e Iraque. Com isso, não ocorre apenas uma entrada de

peças em território germânico, mas a inserção de uma considerável massa populacional ajustada em um arcabouço cultural bastante dessemelhante aos padrões ocidentais, inclusive sob o prisma religioso. O islamismo passa a ser uma das características da paisagem alemã. A desconfiança acerca do terrorismo aumenta, e o medo, dentro do corpo social, cresce como um fungo nocivo. Diferentemente das políticas governamentais propostas, as tendências de repúdio ao imigrante emanam da oposição e da massa popular, as críticas ao governo se ampliam e tem-se, desse modo, a crise imigratória cada vez mais desenhada. Neste ponto, qual seria o lugar do imigrante, do refugiado? Para Agier (2016: 1), seria o lugar social e político de fronteira, isso porque,

[...] as regulamentações e as ideologias que têm por objetivo dificultar a passagem das fronteiras contribuíram ao alargamento do tempo e do espaço da fronteira. Uma vida mais longa se constrói nesse espaço, intermediário, nessa beira, nesse limiar. Isso nos leva a observar de forma mais detalhada essa situação de fronteira e também a observar o que acontece: exceção, extraterritorialidade, exclusão.

Ainda de acordo com Agier (2016: 01, *grifo do autor*), as situações identificadas como espaços de fronteira, na qual a relação entre crise migratória na Alemanha e refugiados se aplica, são circunstâncias difíceis, em que “[...] as pessoas não podem ultrapassá-las completamente e não conseguem, pois, encontrar um lugar, um estatuto; não tem reconhecimento nem *cidadania* plena no local de destino” Nesta direção, Fonseca, ao acionar as linhas foucaultianas, também aborda essa condição do imigrante no contexto de uma “crise migratória”:

Perante esta magnitude e estes impasses, torna-se difícil vislumbrar qualquer forma de acomodação razoável para a imensa massa de pessoas que se encontram aprisionadas em um movimento para o qual não se vislumbra porto de chegada. A imagem mais comum associada a este movimento migratório é a do barco e das figuras que o circundam: os locais de partida, a busca por um porto, as navegações à deriva, os naufrágios, as tentativas de resgate, os afogamentos. [...] é quase imediata a remissão às “naus dos loucos”, que habitavam simbólica e materialmente a paisagem da Renascença, descrita por Foucault em *História da loucura* (FOUCAULT, 1987): naus repletas de passageiros que não pertenciam a lugar nenhum; embarcações destinadas a atracar em muitos portos, mas jamais desembarcar em definitivo seus ocupantes; naus portadoras de inquietudes e de medos suscitados pelo estranhamento perante o outro e o diferente; barcos que se constituíam signo de uma experiência errante, cuja pretensão em fixar-se era considerada ônus e ameaça (FONSECA, *grifo do autor*, 2016: 972-973).

Portanto, a crise migratória experimentada na Alemanha segrega os refugiados em um lugar de fronteira, em um destino errante. Tal crise tem no medo seu principal eixo, posto que foi pelos temores desdobrados da Guerra Civil da Síria e das ações do EI que o fluxo migratório fluiu do Oriente Médio para áreas europeias ocidentais. E também pelo medo, a população alemã apoiou propostas intolerantes aos imigrantes, realizadas principalmente pelo partido eurocético AFD (Alternativa Para A Alemanha).

A partir do raciocínio efetuado, podemos observar que o grande choque vivenciado em solo europeu, e mais especificamente no germânico, diz respeito à tradição cultural dos solicitantes de asilo. O terrorismo efetuado pelo EI é logo atribuído a toda cultura islâmica. O islã se tornou símbolo de extremismo e medo. Mais ainda quando se relembra que no ataque terrorista do dia 12 de dezembro de 2016, em Berlim, seu autor era um solicitante de asilo à embaixada alemã.

É compreensível a tensão vivenciada por europeus, alemães, húngaros. Os refugiados são um mundo diferente de tudo o que os solicitados vivenciam em seu *estabilshment*. Aliás, toda atividade hospitaleira tem em sua arqueologia um imperativo de adversidade. Como nos diz Placido Sgroi(2016, s/p),

Como nos ensina a etimologia, o termo latim hospes (hospede), deriva de hostis, inimigo, portanto genericamente, estrangeiro. Apenas aquele que não pertence ao meu círculo pode ser hospedado. Logo, para ser tal, o hospede deve ser reconhecido como outro, externo, forasteiro, potencialmente perigoso, de alguma forma transcendente ao que já é meu.

A sociedade moderna, em que pese toda sua interconexão em escala global, ainda não está preparada para se abrir ao diferente. Bauman (2016) relembra o Ulrich Beck, no que tange à incapacidade do indivíduo moderno em ser cosmopolita. “[...] vivemos já de maneira cosmopolita, mas estamos longe de desenvolver conhecimento cosmopolita. E digo, longe também de criar instituições capazes de lidar com esse cosmopolitismo” (BAUMAN, 2016, s/p). Tanto que as instituições que aí estão se valem deste medo experienciado pela sociedade para promulgar discursos extremistas, que tem na segurança ao “outro” sua maior credencial, juntamente com a defesa do nacionalismo, tanto na vertente da força do Estado nacional como no sentimento de nação. Disso, a “crise migratória” reflete um problema intenso que o mundo globalizado experimenta. Um problema cosmopolítico, em que, na sua má articulação, leva de imediato à ressurreição dos nacionalismos. Bauman (2017: 65) abre aspas ao pensador Miroslav Hiroch, para quem “quando a sociedade fracassa, a nação aparece como a derradeira

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

garantia”. Esta concepção é próxima à de Arendt (2012: 396), em que menciona que “toda a questão dos direitos humanos foi associada à questão da emancipação nacional; somente a soberania emancipada do povo parecia capaz de assegurá-los [...], o povo, e não o indivíduo representava a imagem do homem”.

Evidencia-se que a ressurreição dos nacionalismos é uma maneira de emergir uma identidade que está sendo perdida. Desta forma, reitera-se a responsabilidade para com os *nostros* cidadãos nacionais, pertencentes a uma grande família. Seguindo este raciocínio, concluímos que aqueles que não possuem uma nação ou, mais especificamente um Estado-nação, não são considerados humanos. Por isso, “não temos uma obrigação moral de nos destruir”, como disse o filósofo alemão Peter Sloterdijk (KUNDNANI, 2016, s/p).

A grande ênfase no nacionalismo efetuada por estas ondas reacionárias reforça os códigos culturais que legitimam a pertença ao território que é desbravado pelos “estranhos”. Estas hermenêuticas são possíveis quando os laços que unem os seres humanos se desfazem na ideologia. Ou, de outra forma, quando um vácuo moral e normativo é substituído por características culturais disseminadas por uma *intelligentisia*, que crê piamente na superioridade de suas ideias.

Quando o sentido histórico e experiencial da cultura é desarraigado, o que resta é a frieza racional da ciência. Eagleton (2016) quando expõe que a morte de Deus na cultura deu ênfase ao *progresso*, destaca exatamente a importância da tradição para que os laços morais permaneçam coesos. Aqui, a tradição se transveste do sentimento identitário que o multiculturalismo e a globalização são incapazes de anular. O raciocínio do autor britânico tem o eixo de cruzamento com a filósofa alemã Hannah Arendt, exatamente no que tange aos direitos do Homem. “A declaração dos Direitos do Homem, no fim do século XVIII, foi um marco decisivo na história. Significava que doravante o Homem, e não o comando de Deus, nem os costumes da história, seria a fonte da Lei.” (ARENDR, 2012: 395). Eagleton por sua vez, explica que

Se a cultura não serve exatamente como substituto de Deus, sempre é possível tentar a humanidade. A missão da era moderna, segundo os Princípios da filosofia do futuro, de Ludwig Feurbach, é converter a teologia em antropologia, tirando do Todo-Poderoso de seu trono para instalar nele o homem. (EAGLETON, 2016: 132).

Instalando a superioridade no Homem, é necessário criar uma nova religião responsável por manter a comunhão entre o povo. Eagleton (2016) remete-se à Auguste Comte, e observa que o autor inicia uma espécie de religião positivista, pela qual cultua o Ser

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

Supremo a partir de um viés científico. A ciência é a nova liturgia do Homem alforriado, que expõe o progresso de sua raça. Entretanto, é necessário esclarecer que a linguagem, nosso “tesouro cultural” como denomina o autor, foi construída a partir de suas tradições, inclusive religiosa. O risco de se abandonar toda uma conduta construída em milênios, e apostar todas as fichas no *progresso* único de um povo, ou de uma raça, é engendrar “a fabricação da humanidade, elimina os indivíduos pelo bem da espécie, sacrifica as “partes” em benefício do “todo”. (ARENDDT, 2012: 618).

Neste tipo de linguagem promulgada com a Revolução Francesa, encontram-se os direitos-humanos-nacionais. Como corolário de sua raiz, os direitos humanos são direitos ancorados na nacionalidade. Logo, indivíduos que possuem uma nacionalidade estigmatizada, têm sua humanidade perdida. Assim tem sido o drama dos refugiados que vivem às fronteiras europeias. Como, por exemplo, o decreto assinado por Donald Trump, proibindo a entrada de pessoas de sete países de origem muçulmana nos EUA. O decreto foi barrado. A xenofobia, não. Razões de desequilíbrio político ainda tem suas origens religiosas. Se o diagnóstico até aqui traz aspectos religiosos como ponto nodal do desequilíbrio político da contemporaneidade, é também a religião uma das soluções.

Percebemos que a cosmopolítica perpetra uma crítica ao conceito de progresso, à moda comtiana. É muito instigante pensar que a França, nação promulgadora da Carta dos Direitos do Homem e do Cidadão, é hoje detentora da Selva de Calais. De uma candidata como Marine Le Pen. Ou que a Alemanha, tendo superado o racismo em suas deliberações estatais, torne à tentação destas vias.

À guisa de conclusão

Como exposto, a negação à religião islâmica torna-se o mote do Pegida e do discurso da AFD. Os imigrantes e refugiados árabes mudam a ordem das coisas, mas também proporcionam uma nova arena de possibilidades. Se a responsabilidade de romper com a individualidade hermética que a modernidade criou, e a construção da identidade humana, for pautada no intercâmbio de linguagens éticas, é possível um pensamento genuinamente humano. Ilustra isto, a fala da diretora-chefe da Deutsche Welle, Verica Spasovska(2016, s/p),

Eles,[os refugiados] então, vão contribuir positivamente para a sociedade. Somente o dinheiro que os refugiados enviam para suas casas já está acima do que a Alemanha gasta em ajuda de desenvolvimento. Se os alemães deixarem de ver os refugiados como um problema, e considerarem as coisas de forma realista; se eles perceberem que a solidariedade com as pessoas

necessitadas pode fortalecer uma comunidade, então poderemos dizer: que bom que a Alemanha mudou.

Esta frase de Spasovska soou como uma profecia, no sentido de que se avaliados os dados da própria DW em 2017, os muçulmanos são o grupo religioso que mais presta serviço voluntário aos refugiados. Isto ecoa para nós como um recado de que, entremeio a todos os pormenores a solidariedade pode romper toda e qualquer fronteira. Angela Merkel chegou a pedir que os novos integrantes da sociedade manifestassem curiosidade pela tradição alemã a fim de que a sociedade e os estrangeiros iniciassem um processo de harmonização. Percebemos claramente ao decorrer da história que movimentos reacionários e xenófobos se aproveitam deste momento de “susto” para conclamar seus discursos. Entretanto, o outro lado da narrativa precisa ser avaliado e considerado para o horizonte da vida democrática.

Referências

AGIER, Michel. “Nova Cosmópolis: as como objetos de conflito no mundo contemporâneo”. **RBCS** Vol. 31, n° 91, julho/2016: ee319103.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.

BBC BRASIL. “Como Alemanha se beneficiará recebendo 800 mil refugiados”. **BBC News**, 9/09/2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150909_beneficio_imigrantes_alemanha_lgb>. Acesso em: 30/07/2017

BECK, Ulrich. **A Europa alemã: A crise do euro e as novas perspectivas de poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CELESTINO, Helena. “Confusão vai desestimular “euroceticos”, diz Bauman”. São Paulo: **Valor Econômico**, 2016, pp.6-7. Disponível em: <http://www.valor.com.br/cultura/4620535/confusao-vai-desestimular-euroceticos-diz-bauman> >

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. **O futuro demográfico da Europa: transformar um desafio em oportunidade**. Bruxelas, 2016. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52006DC0571&from=PT>>. Acesso em: 30/07/2017

DAL CORSO, Marco. “A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade.” **IHU Online**, 19/12/2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6529-a-emergencia-de-uma-humanidade-atravesada-pela-hospitalidade>>

DEUTSCHE WELLE. “AfD culpa política de refugiados por ataque em Berlim”. **DW**, 20/12/2016. Disponível em: <<http://dw.com/p/2UcXp>>. Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Alemanha destinou 21,7 bilhões para crise de refugiados em 2016”. **DW**, 27/01/2017. Disponível em: <http://dw.com/p/2WVFu> . Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Alemanha recebe 280 mil requerentes de refúgio em 2016”. **DW**, 11/01/2017. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/alemanha-recebe-280-mil-requerentes-de-ref%C3%BAgio-em-2016/a-37089015> Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Economia alemã tem maior crescimento em cinco anos”. **DW**, 12/01/2017. Disponível em: <http://dw.com/p/2Vgv2> Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Merkel admite erros da Alemanha e UE sobre refugiados”. **DW**, 31/08/2016. Disponível em: <http://dw.com/p/1JsmP> Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Merkel pede a refugiados que sejam curiosos”. **DW**, 01/04/2017. Disponível em: <http://p.dw.com/p/2aVO9> Acesso em: 30/07/2017

DEUTSCHE WELLE. “Muçulmanos são grupo religioso que mais ajuda refugiados na Alemanha”. **DW**, 23/03/2017. Disponível em: <http://p.dw.com/p/2a4aA> Acesso em: 30/07/2017

DONCEL, Luis. “Merkel está no lado certo da história”, diz Obama sobre a crise dos refugiados. **El País**, 24/04/2016. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/24/internacional/1461516385_801671.html>

_____. “Partido xenófobo obtém resultado histórico e supera sigla de Merkel na Alemanha”. **El País**, 05/09/2016. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/04/internacional/1473006281_617652.html>

EAGLETON, Terry. **A morte de Deus na cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FAUS, Joan. “Trump: “Merkel cometeu erro catastrófico ao abrigar imigrantes ilegais”” **El País**, 16/01/2017. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/16/internacional/1484521260_435183.html>

FONSECA, Márcio Alves da. “Imigração, Estado de direito e biopolítica”. In.: **Revis. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 969-984, set./dez. 2016.

KUNDNANI, Hans. “Alemanha vive uma crise de identidade pela chegada de refugiados”. **El País**, 5 Mar, 2016. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/04/internacional/1457094397_531041.html>

LEVI, Lucio. “União Europeia”.In: **Dicionário de Política**. Bobbio, N.; Mateucci, N.;Pasquino,G.(Orgs.). Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.

MLA style: "The Nobel Peace Prize 2012 to the European Union (EU) - Press Release". *Nobelprize.org*. Nobel Media AB 2014. Web. 18 Mar 2017. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2012/press.html>

NEHER, Clarissa. “Ataque de Berlim vira munição para extrema direita na Alemanha”. **BBC News**, 21/12/2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38386465>>

PETER, Laurence. “Seis perguntas sobre a crise de imigração na Europa”. **BBC News**, 29 de agosto de 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/04/internacional/1457094397_531041.html>

EUROPEAN COMMISSION. Population Statistics at regional level. **Eurostat**, 23/12/2016. Disponível em: <<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statisticsexplained/>>

SEGRILLO, Angelo. “A Confusão Esquerda/Direita no Mundo Pós-Muro de Berlim: Uma Análise e uma Hipótese.”. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 47, no 3, 2004, pp. 615 a 632.

SGROI, Placido. “Um símbolo radical da condição humana”.**IHU Online**, 19/12/2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6530-um-simbolo-radical-da-condicao-humana>>

SHOLZ, Kay-Alexander. “O que é e como surgiu a AfD?”. **DW**, 05/09/2016. Disponível em: <<http://dw.com/p/1JvxW>>

SPASOVSKA, Verica. “Opinião: A Alemanha mudou”. **DW**, 04/09/2016. Disponível em: <<http://dw.com/p/1Jv60>>

Standard Eurobarometer 86 – Autumn 2016. **European Union**, 2016. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/COMMFrontOffice/PublicOpinion>>

THURAL, Jens. “Opinião: Os dois palcos da coalizão de governo alemã”. **DW**, 12/09/2016. Disponível em: <<http://dw.com/p/1K0oE>>

VARES, Sidnei Ferreira de. “A crise na União Europeia: o futuro como desafio.” Porto Alegre: **Civitas**, v.16, nº3, p. 455-462, jul.-set., 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/25216/15066>>